



ISSN: 1983-8379

O Desvelar do Sagrado na Poesia: Contribuições das Hermenêuticas Teo-Literárias à Obra Poética

Raphael Bessa Ferreira ¹

RESUMO: O presente trabalho almeja discutir alguns pontos do possível suporte da hermenêutica de Paul Ricoeur (2010) à análise literária, mais precisamente no que tange à problemática do desvelamento do sagrado enquanto transcendência da mundanidade cotidiana por parte do leitor de poesia. Assim, é ainda pelos pressupostos de Karl Josef-Kuschel (1999), de Antônio Magalhães (2000) e de Paul Tillich (2009) que a interpretação da poesia se fará jungida ao complexo jogo da presença do incondicional pelas palavras poéticas.

Palavras-chave: Hermenêutica; Paul Ricoeur; Sagrado; Poesia; Teopoética.

RÉSUMÉ: Cet article vise à discuter de certains points de l'appui éventuel de l'herméneutique de Paul Ricoeur (2010) à l'analyse littéraire, en particulier concernant a la question de la divulgation du sacré comme une transcendance de les mondánités quotidienne par le lecteur de la poésie. Ainsi, ce sont encore les hypothèses de Karl-Josef Kuschel (1999), Antonio Magalhaes (2000) et Paul Tillich (2009) que l'interprétation de la poésie sera attelés à l'interaction de la présence de l'inconditionnel aux mots poétiques.

Mot-clés: Herméneutique, Paul Ricoeur, Sacré; Poésie; Teopoétique.

Introdução

É conhecido o trabalho de suporte das mais diversas áreas das ciências humanas à devida compreensão do texto literário. Psicologia, filosofia, sociologia, antropologia e teologia são apenas algumas ciências das humanidades recorrentes na busca de interpretações para com a arte da palavra.

Não obstante, mesmo que a utilização de arcabouços teórico-metodológicos de outras áreas seja alvo de muitas críticas por parte dos teóricos e estudiosos literários, sempre foi constatado o real caráter prático da interseção entre os diversos campos do saber com o intuito de ser não apenas um mero suporte mecânico de interpretação do texto artístico, mas sim uma

¹ Professor Assistente da Cátedra de Literatura da Universidade do Estado do Pará – UEPA. Mestre em Literatura Brasileira pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF. Graduado em Letras pela Universidade da Amazônia – UNAMA. Coordenador Adjunto do Curso de Letras da UEPA. Membro do Grupo de Pesquisa “Letramento, Ensino de Literatura e Estudos Literários” pela mesma IES. Endereço Eletrônico: ru-98@hotmail.com.



ISSN: 1983-8379

tomada de raciocínio orgânico e fluente, respeitando os devidos lugares e limites dos domínios do conhecimento.

Dessa forma, o cunho interdisciplinar se torna, nas pesquisas acadêmicas de hoje, expressivo e fortemente praticável devido a abrangência universalista das obras de arte literárias. As possibilidades de diálogos entre os campos científicos torna-se profícuo e válido em todas as vertentes nos mais diversos espaços do conhecimento.

Contudo, há de ser feita uma ressalva esclarecedora diante de tais fatos; se por um lado é cabível o diálogo e suporte de áreas distintas ao campo literário, de outro, sabe-se do problema de sobreposição de uma corrente a outra, exemplo são os casos de utilização da literatura como forma de explicação e comprovação das doutrinas científicas. Não raro são as críticas sociológico-marxistas, feministas, psicanalíticas, dentre outras, que privilegiam a ciência em detrimento do caráter artístico e infinito do texto literário. Assim, o que se constata também são as análises interpretativas que solapam o texto literário, fazendo com que este torne-se mero aparato de cunho panfletário ou testemunho de validação de uma determinada área do saber.

Indo na contramão de muitos estudos ainda recorrentes de utilização da literatura como ferramenta de interesses de minorias, os estudos do aspecto religioso (e também do sagrado) têm, no Brasil, crescido de forma célere e com valorosas contribuições de pensadores e pesquisadores das mais diversas universidades brasileiras. Ressalte-se ainda que estes estudos visam não fomentar os debates panfletários de certa(s) doutrina(s) religiosa(s) sobre a literatura, mas sim contribuir para a discussão do metafísico, do inominável, do transcendente, e do numinoso expressos em jogos de palavras poéticos.

Não à toa, na Alemanha, na França e nos Estados Unidos, países motores no que diz respeito à crítica literária, apresentam em sua história pesquisadores que se debruçaram sobre o fenômeno religioso presente na arte da palavra. No século XX e XXI, para ser mais exato, o debate se torna recorrente; seja com Paul Tillich, Hans Ulrich Von Balthasar, George Langenhorst e Karl-Josef Kuschel na Alemanha; Paul Ricoeur na França; Robert Alter, Jack Miles, Harold Bloom e Northrop Frye nos Estados Unidos; literatura e religião abrem-se a crítica literária não mais sob a luz do estéril foco ao qual detinha-se, agora sim triunfa como área comum e homogênea.

2



ISSN: 1983-8379

No Brasil o campo de investigação dos estudos literários feito pelo viés religioso cresce sem restrições: seja na região sudeste, com nomes como o de Eliana Yunes e Maria Clara Bingemer (ambas da PUC-RJ), Luiz Felipe Pondé e Waldecy Tenório (PUC-SP), Terezinha Zimbrão e Faustino Teixeira (ambos da UFJF); no nordeste com Antonio Magalhães e Eli Brandão (ambos da UEPB); no sul com Rafael Camorlinga Alcaraz e Salma Ferraz (os dois da UFSC), Paulo Soethe (UFPR) e Kathrin Rosenfield (UFRS); ou no norte com Douglas Rodrigues da Conceição (UEPA), ou mesmo em associações internacionais como a ALALITE (Associação Latino-Americana de Literatura e Teologia) e a ISRLC (International Society for Religion, Literature and Culture), ou em GTs da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada) e da ENANPOL (Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística).

Partindo dessas concepções e discussões, o trabalho aqui apresentado assenta-se sob a égide da relação do fenômeno do sagrado presente na obra de arte literária, mais precisamente na poesia. Como ponto-chave para a percepção de tal fato, o suporte da hermenêutica de Paul Ricoeur (2010) à análise literária será crucial para o devido entendimento da problemática do desvelamento do sagrado enquanto transcendência da mundanidade por parte do leitor de poesia.

Não à toa, por ser a ficção partícipe do nosso pertencimento ao ser, é ela ainda uma dimensão da nossa auto-compreensão, pois é pela prática hermenêutica que se reativa o dizer do texto. Assim, é ainda pelos pressupostos de Karl Josef-Kuschel (1999), que afirma ser a teopóetica não uma teologia, mas a problemática de um discurso sobre o fenômeno sagrado; de Antônio Magalhães (2000), que pontua uma condução do ser humano pelo caminho da transcendência graças à literatura; e de Paul Tillich (2009), que assegura à arte e à literatura a mediação dos grandes dilemas humanos, que a interpretação da poesia - enquanto criação artístico-cultural do homem - se fará jungida ao complexo jogo dialógico entre leitor, “mundo da ação”, e mundo do texto, de forma a plasmar o incondicional pelas palavras poéticas. Afinal, na alteridade provocada pela leitura é que haverá a experiência languageira (*Sprachlich*): o leitor interpreta a palavra e é interpelado e interpretado pela palavra, tornando a experiência do sagrado exequível na poesia.



ISSN: 1983-8379

1. A Palavra Poética permeada pela Palavra Sagrada.

Na tradição judaico-cristã, o livro bíblico do Gênesis (Criação) apresenta a palavra como representação divina, é Deus portanto. À concepção do homem provém o direito de nomear a si mesmo e de nomear aos outros, ato sagrado em muitas culturas e religiões. A complementação disso ocorre também nos livros cristãos, mais precisamente ao precisar a criação do homem divino: “No princípio era o verbo”.

Pela palavra a literatura assume o lugar de objeto de conhecimento dos elementos misteriosos e incompreensíveis da vida. Nas tradições religiosas e em culturas orais, a palavra, o verbo, a narração e a música adquirem caráter divino. Não por acaso, essas culturas aliam a prece e a reza a um tom musicado e dançante de modo a provocar o êxtase. O *Alcorão*, por exemplo, literalmente significa “recitação”, e foi totalmente repassado palavra por palavra pelo anjo Gabriel a Mohammad. A *Bíblia* é “o livro”. Assim, a palavra sagrada torna-se viva e experienciável ao ser entoada ou cantada tal qual também ocorre nas religiões orientais, prova são os mantras hindus, taoístas e budistas.

A palavra é tão objeto de evidência do sagrado que Jesus Cristo as utilizava de forma literária (metáforas, dentre outros) para expressar os seus ensinamentos, daí as parábolas (do grego “palavra”) bíblicas.

Pela linguagem Deus silencia-se e se projeta ao mesmo tempo ao homem. A revelação da palavra de Deus, por conseguinte, dispõem de imagens já clássicas na tradição sagrada de muitas religiões. Paulo Plínio Abreu captou estas informações em um belo poema intitulado “Arte Poética”:

A luta do poeta não é
com o anjo,
mas com o verbo
que dissolve em poesia. (ABREU, 2008, p.92)

A mutação do verbo (caráter divino) em carne ou poesia (caráter mundano) leva a conclusão de que a *poiésis* (criação) não é mero artifício da inteligência humana, mas complementação da busca incessante do homem pelo fundamento de sua própria existência. Se, como nos legou Drummond, lutar com as palavras é a luta mais vã, lutar com o anjo não

4



ISSN: 1983-8379

será também eficiente, já que este é apenas um mediador. Para o verdadeiro encontro com o numinoso resta ao homem, ao poeta e ao leitor, a luta com o próprio verbo, com a própria palavra, com a própria transcendência, pois somente a partir daí é que se manifestará a verdadeira poesia, o próprio Deus (não o deus de alguma tradição religiosa, mas sim “deus” no sentido mais infinito e plurisignificativo). Ou seja, não será tentando o sagrado que ele próprio emergirá da poesia, mas da luta para com o próprio ato de criar, nomear e palavrrear é que se consolidará o sagrado.

2. Aportes Hermenêuticos ao Texto Literário.

A criação ficcional se vê permeada de valores teológicos. Por suposto, muitas serão as contribuições de teóricos da filosofia e da própria teologia à interpretação da literatura como propriedade do homem de expressar Deus. Na Alemanha, Paul Tillich, teólogo protestante, visualizará na cultura humana e nas artes em geral o caráter de diálogo do indivíduo-leitor com o divino pela mediação das mais variadas criações artísticas, advindo daí um caminho de experiências absolutas com a esfera do transcendente pela literatura. Ao trabalho do intérprete cabe enxergar a existência teológica na arte. Afirma Tillich:

O pressuposto dessa tentativa multifacetária é que cada criação cultural – pinturas, sistemas, leis, movimentos políticos (não importando quão secular possam ser) – expressa a preocupação suprema, possibilitando o reconhecimento de seu caráter inconscientemente teológico. (TILLICH, 2009, p.65)

O teórico, não por acaso, cunhou de correlação esse método de análise; reflexão crítica das mensagens religiosas levando em conta a independência da mensagem artística, mesmo a secular. Neste modo de reflexão, a arte, tal qual a teologia, é reveladora de sentidos ocultos do incondicional. Cabe portanto ao intérprete manifestá-las.

Plasmar a linguagem do sagrado feita pelo homem numa obra de arte é o fruto do trabalho de uma linha de interpretação compreendida também como teopoética. Termo cunhado pelo pensador germânico Karl-Josef Kuschel com o intuito de não ser mera teologia explicativa da arte literária, pelo contrário, a teopoética visa “não a substituição do Deus de Jesus Cristo pelo dos diferentes poetas, mas a questão da estilística de um discurso sobre Deus



ISSN: 1983-8379

que seja atual e adequado” (KUSCHEL, 1999, p.31). Portanto, Kuschel se depara com uma poética que reflete as preocupações últimas do homem, o conhecimento que se busca advém do diálogo frutífero entre o estilo, e não o conteúdo somente, do texto literário de forma a expressar Deus. A teopoética, assim sendo, não partirá da teologia para chegar à arte, como o queria Tillich, mas parte da arte poética para alcançar o sagrado.

A teopoética visualizará na obra literária a presença de Deus não como parte de um conteúdo da área teológica, mas sim como um texto que apenas debate a insurgência do divino na esfera humana. A teopoética, desta forma, não descambará para o lado das críticas literárias e jamais também para os aportes de análises críticas de cultura feita pelos teólogos.

A linguagem, elemento primordial nesta relação homem-literatura-divino, faz-se presente como o cerne da questão a ser levantada de forma reflexiva pelo leitor, que se fará verdadeiro intérprete do texto lido. Assim, o leitor, na posição de hermenauta, há de se abrir ao mundo da linguagem para poder vislumbrar a plasmação de Deus no espelho das palavras, como bem nos mostrou Antonio Magalhães (2000) em livro de título acima mencionado.

A proposta do uso da abordagem hermenêutica junto ao labor do leitor-intérprete permite não só o diálogo com o mundo histórico-social do texto escrito, mas com a condição do existir do homem no período. O *Zeitgeist* é emparelhado com o encontro entre leitor e texto pela linguagem que, servida dos seus muitos artifícios, informa ao homem o que há de transcendental na realidade.

A experiência estética do sagrado destaca-se pelo efeito que irá provocar no leitor-receptor da obra, a comunicação entre obra e leitor se dá pelo mote da reflexão de uma consciência subjetiva e sensível ao leitor do texto.

A arte literária será sondada pelo homem que busca o insondável. Esse constante desvelamento da verdade em meio ao complexo fazer hermenêutico se dará pelo jogo da pergunta e da resposta formulado por Gadamer em *Verdade e Método*. O poeta moderno Max Martins aplica esse método de procura do numinoso em um poema de título bastante sugestivo; “Meditação para Bashô”:

Pedra
Penetra o silêncio
Solitária pedra-silêncio



ISSN: 1983-8379

A cigarra penetra o silêncio A voz
A voz solitária A Pedra O Templo A cigarra
O templo A cigarra penetra o silêncio: A voz solitária

A voz solitária A pedra O Templo a cigarra penetra
A cigarra penetra o silêncio: A voz solitária
Solitária pedra: O Templo A cigarra
penetra o silêncio: A voz

Pedra-templo
Silêncio
(MARTINS, 1992, p.97)

Mesmo em obras contemporâneas, em que paira um discurso muitas das vezes denominado ateu; imagem da “morte de Deus”, o rastro do insondável está presente, pois ao se negar a experiência do sagrado já se está tecendo reflexões sobre o mesmo.

O contato direto entre leitor e verdade (sagrado) se dará pelo jogo dialético entre o questionar-se e o responder(-se). A teia da substância existencial que condiciona o homem a este constante indagar-se e buscar compreender-se se dá pelo artifício da linguagem, o instrumento que consegue articular a silenciosa insondabilidade do sagrado para com o ente enquanto ser existente (*Dasein*).

Pela linguagem se diz e se fala ao outro, por meio desta ferramenta o homem pode se tornar aberto às mais diversas possibilidades de dialogar, partilhar, de se articular e de trocar informações que lhe dizem respeito, ou seja, pela linguagem o ser se torna cômico dos sentidos de si e do mundo, passará a enxergar compreensibilidade diante do absurdo da vida. Ao dialogar com o outro, o ser lhe confiará suas dúvidas e sua vivência pela linguagem. A troca é uma relação. A relação é entre ser e verdade, e a verdade se revela ao ser pela linguagem: A linguagem é a morada do ser, nos afirmou Heidegger.

Em “O Milagre”, Mário Quintana expressa a sensibilidade do milagre da existência através do jogo com as palavras, da fala ao texto escrito e, metalinguisticamente, com o próprio poema, milagre da vida:

O Milagre

Dias maravilhosos em que os jornais vê cheios de poesia...
E do lábio do amigo brotam palavras de eterno encanto...
Dias mágicos...
Em que os burgueses espiam,

7



ISSN: 1983-8379

Através das vidraças dos escritórios,
A graça gratuita das nuvens...
(QUINTANA, 1982, p.33)

Contudo, dá-se com o filósofo fenomenologista Paul Ricoeur o grande salto no que tange à interpretação e ao modo de atualização da leitura literária, uma vez que para Ricoeur (2010) é o ato de ler que se junta à configuração da narrativa e a atualiza, jungindo para si a atualização da própria leitura e do mundo anteriormente imanente do leitor: “O ato da leitura é assim o operador que une *Mimesis* III a *Mimesis* II. [...] O texto só se torna obra na interação entre texto e receptor. (RICOEUR, 2010, Vol. I, p.132).

Em Ricoeur, seguindo um pouco a herança hermenêutica legada por Heidegger e Gadamer, a interpretação é circular, é um movimento das partes ao todo, no círculo hermenêutico, com vistas a fundar à poesia a verdade (NUNES, 2007). Pelo próprio funcionamento da poesia a intersecção entre os mundos do leitor e do texto funde-se ao aspecto transcendente da poesia.

Desta forma, o mundo do texto poético é o mundo em que o leitor, ser-humano, pode revelar-se e abrir-se à compreensão do sagrado. O homem, assim, poeticamente habita a terra, como escreveu Hölderlin; e o homem em si mesmo “habita como Poeta” (NUNES, 2007, p.149). “Em nascer de Novo”, Carlos Drummond de Andrade enfatiza a preocupação do poeta-leitor para com a vida, a realidade, não mais imanente, mas transcendente, graças à poesia e ao tempo sagrado que a circunda :

Eis que um segundo nascimento,
não adivinhado, sem anúncio,
resgata o sofrimento do primeiro,
e o tempo se redora.
Amor, este o seu nome.
Amor, a descoberta
de sentido no absurdo de existir.
O real veste nova realidade,
a linguagem encontra seu motivo
até mesmo nos lances de silêncio.
(ANDRADE, 2006, p.674)



ISSN: 1983-8379

Conclusão

O caráter simbólico da palavra literária, como foi visto, é investido de riqueza religiosa. A esse respeito, pela leitura do texto literário o leitor é re-ligado ao universo sagrado (*re-ligare*; religião), na fusão de mundo do leitor (mundo profano) com o texto literário (mundo sagrado) é que há a ocorrência do fenômeno divino. A vivência banal do homem sofre o impacto da transcendência ao tomar conhecimento de sua condição finita pela leitura da poesia (infinita, portanto).

A arte literária será, tal como em uma tomada de consciência racional ou nas epifanias religiosas, uma fuga do cotidiano, da vida mundana que não apresenta sentido. A leitura de poesia fará o caminho inverso ao movimento de queda e expulsão do paraíso bíblico; será uma ascense ao divino, fenômeno que reconduzirá o homem ao sagrado.

Diante de tais fatos é que pode ser expandido o aspecto imanente e ordinário da palavra literária, daí ela não ser linguagem cotidiana, mas sim a linguagem poética (*poiésis*). O intérprete, nesse caso, é conduzido a uma nova interpretação do seu mundo (*mímesis* III, em Paul Ricoeur), carregando consigo uma transformação de si próprio e do mundo antes perturbador ao qual estava inserido. Agora, pela recriação da palavra, é que o leitor encontra o verdadeiro mundo: o universo sagrado que há mesmo na vida diária. Interpretar a poesia portanto, é, segundo Benedito Nunes: “explicitar o tipo de ser-no-mundo manifestado diante do texto. (NUNES, 2007, p.148)

Referências

ABREU, Paulo Plínio. *Poesia*. Belém: EDUFPA, 2008.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

KUSCHEL, Karl-Josef. *Os Escritores e as Escrituras. Retratos teológico-literários*. São Paulo: Loyola, 1999.

MAGALHÃES, Antonio. *Deus no Espelho das Palavras - Teologia e Literatura em Diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000.

MARTINS, Max. *Não para consolar: poemas reunidos 1952-1992*. Belém: Cejup, 1992.



ISSN: 1983-8379

NUNES, Benedito. *Hermenêutica e Poesia – o Pensamento Poético*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

QUINTANA, Mário. *Literatura Comentada*. São Paulo: Abril, 1982.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Vol. I. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

TILLICH, Paul. *Teologia da Cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p.10-31.

.